

APRESENTAÇÃO

A capa deste número da REALIS veio da Bolívia, inspirando-se na representação estética que faz Oscar Tintaya da cultura aymara. A escolha dessa pintura, a Autoridade Aymara, para ilustrar este número plural, revela dois aspectos importantes. Um deles, as multicores da vestimenta tradicional. Cada tom destaca um caminho, representa cada uma das partes essenciais do Ser Humano. O outro aspecto se manifesta no fato que esta multiplicidade esclarece que as partes diversas do humano seguem juntas, entrelaçadas pelos fios, desenhadas numa sociedade que não reflete apenas sua cultura, mas tantas outras que transcendem a América, mas que continuam representando a Pacha Mama na Abya Yala.

Este número foi organizado a partir de textos recebidos por meio de fluxo contínuo. Mas na sua diversidade espontânea observamos que eles participam de uma convergência heterotópica, transitando no pluralismo epistemológico e na interculturalidade produzidos nas tensões geradas pelos debates anti-utilitaristas e pós-coloniais.

Curioso perceber como a temática indígena se faz presente espontaneamente no debate crítico contemporâneo, sugerindo diversas pistas de reflexões que merecem ser relacionadas, tendo o tema da interculturalidade como foco central. Esta se revela com particular importância no debate decolonial na América Latina. A interculturalidade permite sair das figurações simétricas oferecidas pelo multiculturalismo e, também, das leituras confusas do hibridismo que empalidecem os conflitos, para revelar a complexidade dos desafios de negociação impostos pela diferença cultural. Na análise do caso equatoriano e inspirando-se em C. Walsh, Luis Herrera e Camila Torres esclarecem que “En Latinoamérica la interculturalidad surge y comprende procesos de lucha política, lideradas por movimientos indígenas, en respuesta a la dominación capitalista mencionada y en clara manifestación de procesos de resistencia a la colonización”.

O tema da interculturalidade também está presente em outro artigo, aquele de autoria de Eliane Monteiro intitulado “A temática indígena no Nordeste: limites e possibilidades para o campo educacional”. A autora busca no pensamento decolonial chaves de interpretação para refletir sobre os modos pelos quais os povos indígenas vêm sendo representados nos processos de aprendizagem formal. A partir de pesquisa empírica ela conclui que a “presença indígena” está multifacetada nas representações da juventude escolar. Por isso, o fortalecimento desta presença exige ações para “reelaboraões com relação aos povos indígenas, encontrando aí elementos do reconhecimento da diferença, das histórias locais e da valorização das identidades indígenas, em sua dimensão física e simbólica” (p.96)

Numa direção que tem também relação com o tema da interculturalidade e com ênfase na dimensão ontológica, devemos lembrar o sugestivo texto sobre “Paisaje y agua en el territorio indígena de salitre, Puntarenas, Costa Rica” de autoria de Allen Cordero Ulate e de Ana Lucía Mora. Os autores exploram a complexa ontologia da cultura humana que no imaginário indígena se abre para um tensionamento da relação entre Humano e Natureza. Os autores se apoiam nos temas da paisagem e da água, que tradicionalmente são próprios da Geografia, para explorar as leituras sociais, econômicas e culturais que permitem outros olhares sobre a realidade. Dizem os autores: “ Al respecto se propone que si bien el paisaje es un dato de la geografía en su conformación concurren un conjunto de elementos siempre en movimiento; la propia materia, el modo de producción que se asienta sobre el espacio geográfico a través de la historia cambiante. También intervienen en la conformación del paisaje factores de la acción social, tales como las propias luchas sociales tendientes a modificar o transformar los modos de producción y sus consecuencias socio-culturales” (p.124-125).

A complexidade temática sugerida pela interculturalidade também se revela em dois textos provocativos, um sobre racismo e outro sobre feminismo. O texto sobre racismo de autoria de Murilo Alchorne intitula-se “La pelea cubana contra el demonio de la raza y del racismo o la trayectoria de la temática racial en Cuba contemporánea (1990-2015)”. O outro, sobre feminismo, é de autoria de Lilia Macedo e intitulado

“Feminismos latino-americanos: um cruzamento de identidades ampliando os horizontes de luta”.

O texto do Alchorne é interessante porque demonstra como a tentativa do governo castrista em Cuba de negar a questão racial para exaltar a palavra de ordem que todos somos cubanos terminou contribuindo para dissimular o debate sobre racismo, gerando uma espécie de debate sobre “democracia racial” mas com tonalidades próprias da realidade caribenha. Como explica o autor: “Es en ese sentido que se puede percibir que hay una ambigüedad muy marcada en la reaparición del debate de la temática racial mientras los 1990 y que permanece en el presente”. E complementa com argucia: “Pero cuando tomadas de forma descontextualizada y acrítica, generan la idea de que no hay diferencias entre negros y blancos, y confundiendo integración biológica y la social, económica y política, niegan la persistencia del racismo en las etapas nacionales, deslegitimando así la organización de las luchas antirracistas racialistas (p.64). O artigo de Lilia Macedo sobre feminismo ressalta as perspectivas de surgimento de uma comunidade feminista latino-americana. Explica ela que “os significados que estão por trás da reivindicação de uma identidade latino-americana por parte do feminismo são muitos. O presente trabalho procurou apontar apenas alguns deles, que vão desde uma profunda crítica ao etnocentrismo até a atenção à realidade social característica do subcontinente” (p.175).

Por fim, ainda relacionado com a interculturalidade de modo indireto devemos lembrar o excelente artigo de autoria de João Aldeia e intitulado “Um outro modo de pertencer. Acção moral dos sem-abrigo”. O texto aborda outra realidade, a das populações desfavorecidas em Portugal e que apostam no dom a outros desvalidos como forma de reconhecimento moral. De todos os textos, é o que toca mais diretamente em outra problemática cara a revista REALIS que é o tema da dádiva. O autor trás reflexões interessantes sobre o tema chamando atenção sobre o fato que “não é o grau de privação comparativo entre doador e donatário que importa para a consideração moral do dom a realizar mas, antes, a relevância da privação de cada sujeito. Pura e simplesmente, o sujeito sente um impulso”. E complementa que “Nesta faceta do dom de si realizado pelo sujeito-menos-que, neste modo de dar em

que a dádiva assume uma forma rigorosamente moral, em que expressa o impulso moral original, o dom é realizado a um donatário que tende a não estar em situação de superordinação face ao doador” (p.4).

Como dissemos, o tema da interculturalidade emerge também na discussão sobre reconhecimento e inclusão. Pois a dádiva dos sem-abrigos para outros igualmente desabrigados apenas pode ocorrer quando este doador aparentemente desvalido consegue se localizar como protagonista na cena social a partir das diferenças culturais que estabelece com aqueles que são “abrigados” e com os outros a quem dirige a ação. Como ainda explica o autor estes sujeitos constituem suas estratégias e ações para reconectarem e reintegrarem, por meio de impulsos morais, desde a responsabilidade/solidariedade com o outro até laços que os equalizem como sujeitos.

Finalmente, este número da REALIS é coroado pela excelente entrevista que as pesquisadoras Dana Milena Chávaro e Michele Guerreiro Ferreira, da UFPE, realizaram com o conhecido antropólogo colombiano Eduardo Restrepo para discutir o fascinante tema “Pensar en plural y tomar en sério el lugar desde donde se habla”. Nesta entrevista Restrepo oferece ao leitor uma reflexão muito didática e profunda a respeito dos sentidos de uma “Epistemologia do Sul”, buscando questionar um debate cultural que emerge a partir das tensões não resolvidas entre a antropologia e a sociologia, sobretudo quando se visualiza as questões concretas das relações de poder e da subalternização.

Enfim, desejamos aos leitores da REALIS uma boa leitura!!!

Recife, 05 de Agosto de 2018

Paulo Henrique Martins

Professor PPGS-UFPE

Éder Lira de Souza Leão

Professor UFRPE-UAST